

A Política Tecnológica no Século XXI

Por todas as razões estamos na crista de uma enorme revolução (ou revoluções) tecnológica.

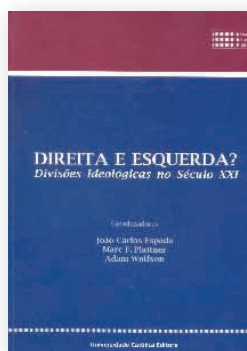
Nos últimos tempos, as revistas *Time*, *Newsweek*, *New York Times Magazine* e ainda a pesada e intelectualizada *Partisan Review* publicaram dossiers sobre as maravilhas tecnológicas que estão prestes a transformar as nossas vidas. Algumas destas alterações são de uma diversidade típica de um filme de James Bond: carros auto-pilotados; armas *phaser* não-letais ou sexo virtual através da Internet. Outras invenções terão efeitos mais amplos: jogos de realidade virtual e a Internet completará um processo que a TV inaugurou, a metamorfose da nossa civilização que a tornou numa civilização dirigida, de forma crescente, por imagens e sentimentos, em vez de palavras e pensamento. E a longo prazo outras mudanças serão bem mais dramáticas, indo ao cerne do que significa ser humano. Já em curta perspectiva, descobertas na genética humana e a nível informático ameaçam (ou prometem, dependendo da nossa perspectiva) precipitar, por mais estranho que pareça, uma era «pós-humana».

Esta prospectiva não é matéria de ficção científica, mas o que os cientistas de topo prevêem. Ray Kurzweil, um famoso designer informático que, entre outros feitos, inventou o primeiro aparelho de leitura para cegos, antecipa que em meados deste século a distinção entre computadores e seres humanos irá desaparecer, como resultado dos desenvolvimentos na inteligência artificial e da nossa capacidade para nos fundirmos fisicamente com os computadores. Lee M. Silver, biólogo molecular e neurocientista na Universidade de Princeton, prevê que em meados do século a engenharia genética tornar-se-á de tal forma viável, segura e eficaz, que deteremos “o poder para mudar a natureza da humanidade.” O fundador da sociobiologia, o professor de Harvard, Edward O. Wilson, estima que dentro de poucas décadas entraremos numa era de “evolução volitiva”, adquirindo o poder para “alterar não só a anatomia e inteligência da espécie, mas também as emoções e o impulso criativo que estrutura o próprio núcleo da natureza humana”. Recentes avanços

científicos – da vitória do computador Deep Blue sobre o campeão mundial de xadrez Gary Kasparov, às experiências de clonagem animal, que já são tão comuns que não ocupam as primeiras páginas, até aos sucessos mais recentes do Celera Genomics e do Human Genome Research Institute no mapeamento do genoma humano, antes do prazo – confirmam que estas não são previsões frívolas.

Mais interessante do que os previsíveis avanços científicos é a nossa reacção perante eles. Qual foi a resposta moral e política aos cada vez mais rápidos progressos tecnológicos? Bom, provavelmente ninguém se esquece do assassino Unabomber, Theodore Kaczynski, que enviou bombas empacotadas aos cientistas, matando três e estropiando muitos outros antes de ser finalmente capturado. Provavelmente, somos mais capazes de esquecer que em 1992 Al Gore redigiu um manifesto anti-tecnologia, *Earth in the Balance*, que descrevia a América como um tipo de pesadelo tecnológico. Entre várias reformas modestas, recomendava a eliminação do motor de combustão interna e a “mudança drástica da nossa civilização.” Mais recentemente, Bill Joy, o cientista principal da Sun Microsystems, argumentou que os progressos nas possibilidades informáticas, na genética e nas ciências físicas ameaçam a espécie humana de extinção – a menos que nos voltemos para a sabedoria do Dalai Lama (todavia, respostas mais inteligentes foram registadas, em particular as de Leon Kass, Francis Fukuyama e dos editores de *New Republic*).

Mas em larga medida, estas são vozes solitárias. Longe vão os dias em que os conservadores e os liberais se preocupavam em conjunto com os perigos da Máquina. Meio século atrás, Richard Weaver, uma figura respeitada e simbólica da Direita, denunciou de forma bem conhecida “os deuses da massa e da velocidade” na sua clássica obra conservadora: *Ideas Have Consequences*. E basta mencionar um fiel acérrimo da esquerda como Herbert Marcuse, que no seu manifesto dos anos sessenta, *One-Dimensional Man*, atacou a “racionalidade tecnológica” como o “grande veículo de um domínio mais apurado, criando um universo realmente totalitário”, para lembrar que em tempos os liberais eram muito desconfiados da tecnologia. Tal como o crítico literário Leo Marx demonstrou, a crítica da tecnologia teve uma história longa e respeitosa na América, indo de Nathaniel Hawthorne e Mark Twain até F. Scott Fitz-



Direita e Esquerda? Divisões Ideológicas no Século XXI

João Carlos Espada,
Marc F. Plattner, Adam
Wolfson (dir.)

COL. IDEIAS E ESTUDOS
POLÍTICOS, Universidade
Católica Editora



geral e à contra-cultura dos anos 60.

“Contudo, a certo ponto do caminho (tal como o escreveram recentemente os editores do *New York Times Magazine*) tudo o que estava sentenciado e obscurecia partiu para o mar, não levado por um idealismo de céu azul, mas por uma fé temperada e prática na ideia de que as máquinas não devem ser temidas, que as podemos usar quando, onde e como quisermos e que a tecnologia pode na verdade melhorar as nossas vidas”. De facto, não pode haver maior sintoma da nossa simpatia para com a tecnologia do que a nossa reacção aquando do deciframento do genoma humano na passada Primavera. Este feito científico pode anunciar uma nova era na medicina, em que as doenças genéticas são tratadas e a esperança de vida duplicada. Mas também podemos obter o poder para por um fim à própria natureza humana. Pode tornar-se possível controlar os traços de personalidade, extirpar uns e estimular outros, ou mesmo inventar um perfil “humano” diferente, que aumente capacidades físicas e mentais ou qualidades inteiramente novas. Se algo deve fazer-nos parar e pensar, não de forma sentenciada e obscurecida, certamente que é isto. Porém, mesmo quando as paradas não podiam estar mais altas, quando estamos prestes a empreender a recriação do homem, o público está tranquilo e muitos intelectuais conservadores e liberais influentes estão relativamente despreocupados. Vale a pena perguntar porquê.

A OPINIÃO LIBERAL

Tal como estamos, existe uma resposta distintamen-

te liberal à invasão da tecnologia sobre a vida humana e tem sido persuasivamente produzida por William A. Galston, um antigo conselheiro da administração Clinton e autor de *Liberal Purposes*. Na concepção de Galston, nós percebemos de forma intuitiva que a tecnologia moderna pode, por um lado, complementar ou completar a natureza humana e, por outro lado, violentá-la. O aparelho de leitura para cegos de Kurzweil será um exemplo da primeira, uma tecnologia que permite aos deficientes levarem vidas mais humanas; enquanto que tecnologias médicas que prolongam a vida do moribundo e o sofrimento diminuem a dignidade humana ao passarem por cima dos limites naturais. O próprio Galston faz contraste entre um uso adequado, liberal do tratamento genético – que, por exemplo, visaria “a eliminação de defeitos naturais de modo a salvaguardar a vida do feto” – e uma espécie de engenharia genética iliberal que promoveria certos traços sobre outros ou até que introduziria novas características na espécie. A questão passa por saber se o liberalismo possui em si os recursos e profundidade para fundamentar tais distinções. Galston afirma que, pelo menos em teoria, um entendimento neo-kantiano da liberdade humana os detém – que pode “ajudar a estabelecer a linha entre a tecnologia ao serviço da nossa dignidade e a tecnologia que corrói a dignidade pela forma como nos trata apenas enquanto meios.”

Galston demonstra que o liberalismo, devidamente entendido, consegue distinguir entre tecnologias ao serviço da dignidade humana e aquelas que a diminuem. Mas, tal como reconhece, as filosofias po-

líticas no mundo real raramente são compreendidas de forma adequada, e muito menos praticadas de modo adequado. De facto, destacaria que o colapso do padrão liberal contra a indecência, culminando no pronunciamento do Supremo Tribunal, em 1971, em que “o que é ordinário para um homem é lírico para outro”, não inspira muito optimismo. Os liberais que não conseguem ver a diferença entre arte e indecência podem não estar à altura do desafio de Galston sobre a diferenciação entre tecnologias que realizam a nossa natureza e aquelas que a põem de lado.

Na verdade, o teórico liberal Ronald Dworkin defende não só que o liberalismo é neutro sobre a questão da engenharia genética, mas que lhe é favorável. Autor de inúmeros livros sobre teoria legal e política, e uma influência importante no Supremo Tribunal, Dworkin é, sem exagero, a principal voz da opinião liberal das elites na América. No seu último livro, *Sovereign Virtue*, Dworkin defende “que é objectivamente fulcral que qualquer vida humana, uma vez iniciada, seja bem sucedida e que não fracasse – que o potencial dessa vida seja realizado em vez de desperdiçado – e que isto é de igual forma objectivamente fulcral no que diz respeito a cada vida humana”. No que diz respeito ao princípio de autonomia liberal, Dworkin sustenta que a pessoa “tem o direito a tomar decisões fundamentais que lhe definam o que será uma vida bem sucedida.” Em conjunto, estes dois princípios liberais prescrevem, na concepção de Dworkin, uma nova eugenia.

O primeiro princípio – o de que uma vida quando iniciada seja bem sucedida – exige, na perspectiva de Dworkin, um regime de testes genéticos. Pois se se tornar possível testar e corrigir defeitos genético no embrião, então a nossa preocupação pela igualdade, a nossa preocupação com o sucesso de cada vida, implica que façamos tudo o que é possível para prevenir doenças de base genética. Os princípios liberais da igualdade e da autonomia também justificam, para Dworkin, o projecto mais radical de reengenharia genética da espécie – de decidir, nas palavras ásperas de Dworkin, “que tipo de pessoas, de que forma produzidas, têm de existir”. Aqui está a razão: o princípio de igualdade “comanda” que façamos de qualquer vida uma vida bem sucedida; e portanto, os QIs aumentados geneticamente, uma vez que sejam disponíveis, são moralmente requeridos. Por seu lado, o princípio de autonomia “proíbe” “causar dificuldades aos cientistas e aos médicos que se voluntariam para liberar” a nova eugenia, já que a nós não nos é permitido interferir com a autonomia individual do cientista ou de qualquer um. Se o cientista acredita que a sua missão é a de transformar a espécie, temos de respeitar a sua autonomia e permiti-lhe que continue.

De início pode parecer chocante que um destacado

liberal possa tomar esta posição. O que se está a defender é um programa eugénico de limpeza da vida humana mal-sucedida – um programa a ser dirigido por um corpo de cientistas que têm de responder apenas perante si próprios. Porém, se pensarmos um pouco talvez não fiquemos surpreendidos: a fé da Esquerda no progresso conduz à busca de melhoramentos no género humano, quer através da terapia ou de drogas psicotrópicas ou através da eugenia. A sua devoção para com a igualdade humana absoluta tenta-a na prossecução deste objectivo ilusório, se não for através da engenharia social, então será através da engenharia genética. A sua sustentação da autonomia radical não lhe deixa qualquer padrão segundo o qual as escolhas dos cientistas podem ser questionadas e menos ainda limitadas. De forma mais ampla, o seu conceito de neutralidade do Estado no que diz respeito aos fins do homem (i.e., escolhas sobre os “modos de vida”) prepara o caminho para um Estado que também é neutro face aos meios (tecnológicos) escolhidos para atingir aqueles fins. Por fim, a moderna hostilidade inveterada do liberalismo para com a religião (à excepção do Senador Joe Lieberman, é claro) incita-o, na palavras de Dworkin, a “fazer de Deus”, “porque a alternativa é cobardia face ao desconhecido”.

A OPINIÃO CONSERVADORA

A tema da opinião conservadora e as novas tecnologias, em particular a eugenia, não é tão evidente. Os conservadores religiosos e social desenvolveram críticas fortes e persuasivas sobre a nova eugenia, e destas nenhuma se destaca mais do que a de Leon Kass. Na concepção neo-aristotélica de Leon Kass o problema de ciência moderna, apesar do seu sucesso na explicação do funcionamento das coisas, está na sua incapacidade de dizer algo sobre os fins humanos ou sobre o bem do homem. Deste modo, Kass procurou, nas suas palavras, “uma biologia e antropologia mais natural e fecunda, que fizesse justiça à nossa experiência vivida de nós mesmos enquanto unidade psicofísicas – vivificadas, intencionais, abertas e em relação com o mundo mais amplo.” O seu argumento afirma que só através da compreensão dos fins do homem, tal como nos são apresentados na nossa “natureza dada” é que poderemos entender a violentação da engenharia genética. Kass levantou, nos últimos anos, um dos desafios filosóficos mais acutilantes às novas tecnologias. Porém, é justo dizer que ele não é o representante da opinião conservadora moderna, e como tal devemos procurar noutro sítio a posição conservadora popular sobre a tecnologia.

O conservadorismo moderno é caracterizado pela sua denuncia do Estado gigantesco e pelo seu clamor: “deixem-nos em paz”. É esta concepção libertária que

orienta a maioria dos políticos conservadores, arquitectos de políticas conservadores, bem como de conservadores de raiz. Por trás destes *slogans* populares existe uma teoria sofisticada da natureza da sociedade e dos limites do entendimento humano, uma teoria desenvolvida por, entre outros, F.A.Hayek. Enquanto que a filosofia de Hayek, quando aplicada à nova eugenia, ajuda a criar uma mentalidade *laissez-faire*; porém, ao ser lida de um certo modo, essa filosofia também levanta questões sobre a sua oportunidade.

De acordo com Hayek a sociedade é uma “ordem em crescimento” ou uma “ordem espontânea”, em oposição a uma ordem “planeada”. Com isto, Hayek queria significar que a sociedade surge e funciona sem um desígnio consciente e que nem as origens da sociedade, nem as suas acções podem ser compreendidas pelo espírito humano. O esforço nesse sentido, o de construção de um ideal de ordem social ou de economia planeada – um esforço que conduziu no século passado a sofrimentos e catástrofes inauditas – Hayek atribuiu-o às filosofias de Descartes, Bacon, Comte e Marx. Ele deu um nome particular a este novo modo – “racionalismo construtivo” – mas não foi o único pensador conservador a ser um crítico dos seus efeitos. De Burke a Michael Oakeshott e a Hayek perpassa uma crítica do conceito racionalista moderno de utopia construída.

Assim, aonde nos pode levar o entendimento hayekiano de formação social e dos limites do entendimento humano sobre a questão da nova eugenia? Bom, consideremos por um momento o palavreado habitualmente associado à nova eugenia: dizem-nos que os nossos cientistas descobriram o “plano” da natureza humana ou o seu “manual de instruções”; que os nossos biólogos moleculares serão capazes de substituir uma evolução lenta e cega pelo controle racional; que eles serão capazes de “planificar” seres humanos; que se tornarão os criadores de uma novo género de homens; que de facto farão as vezes de Deus. Isto é a empresa “racionalista construtiva” *par excellence!* E não é por acaso que recebeu o seu primeiro impulso daqueles padrinhos da ciência moderna Bacon e Descartes, precisamente os filósofos que Hayek destacou para ultrajar. Porém, se supuser-

mos que toda esta conversa de planeamento humano, planeamento racional, destreza científica, progresso e perfeição levou os conservadores contemporâneos a rejeitar a nova eugenia, estaríamos muito enganados. A revista libertária Reason e a mais tradicionalmente conservadora National Review publicaram artigos sancionando a nova eugenia. E enquanto Charles Murray, o autor de *The Bell Curve* e um original bem acolhido do libertarismo, criticou fortemente o cunho de esquerda no tratamento da eugenia, segundo o qual o governo implementaria programas eugénicos para melhorar o QI das crianças pobres, por outro lado, sancionou as manipulações genéticas voluntárias que visavam a melhoria da totalidade das capacidades físicas e mentais.



Parece ao menos possível que algumas das críticas que Hayek levantou contra o planeamento social possam ser igualmente aplicáveis ao problema da engenharia genética

O acolhimento conservador do projecto racionalista de Bacon pode ser explicado pelo facto de que Hayek e outros pensadores libertários estavam preocupados com os males do planeamento social e não com o planeamento biológico. Talvez seja apenas o posicionamento racionalista aplicado à sociedade e à política o que é condenado. Contudo, não é evidente que os dois sejam facilmente separáveis, pois na perspectiva de Hayek o organismo humano, tal como a sociedade, é uma “ordem espontânea” (embora de um tipo mais concreto). Assim sendo, parece ao menos possível que algumas das críticas que Hayek levantou contra o planeamento social possam ser igualmente aplicáveis ao problema da engenharia genética. A um nível mais prático e eficaz, os dois não podem ser separados, já que a aplicação do “racionalismo construtivo” numa esfera como a genética terá consequências sociais e políticas muito amplas, como todos reconhecemos. De uma forma ou de outra, a nova eugenia conduzirá ao triunfo do Racionalismo na política.

Mas isto não quer dizer que a ideologia conservadora moderna se opõe à engenharia genética. Não se opõe claramente. A razão está no seu princípio dirigente do individualismo – que os indivíduos estão mais bem posicionados para efectuar escolhas que digam respeito ao seu bem-estar. Assim como o conceito de “ordem espontânea” exclui o planeamento social, de igual forma rejeita a possibilidade de padrões morais transcendentais. Os valores e os padrões

afirmam-se como subjectivos e, portanto, dentro de certos limites, os indivíduos são livres de prosseguirem as suas preferências. Por isso, os conservadores contemporâneos rejeitam os programas eugénicos dirigidos pelo Estado (em contraste com Dworkin), mas estão perfeitamente à vontade com a eugenia voluntária. Eles defendem a nova eugenia da mesma forma que a esquerda defende o aborto: como uma escolha privada a realizar pelos indivíduos.

Contudo, o argumento libertário de que a engenharia genética é aceitável desde que seja livremente escolhida pelos indivíduos está carregado com dificuldades. Logo que a engenharia genética seja apresentada com um fundamento voluntarista (e não nos esqueçamos que financiamento governamental desempenhou um papel importante no seu desenvolvimento e portanto na sua eventual disponibilidade), a coerção social entrará em campo. A instituição médica já pressiona os pais prospectivos para testarem anormalidades genéticas nos fetos em desenvolvimento. Os conservadores deviam não perder de vista que os liberais exigirão uma eugenia financiada pelo governo para os economicamente desfavorecidos. É uma ingenuidade pensar que, se os mais educados começarem praticar em larga escala a eugenia, o Estado não a tornará disponível também para os mais desfavorecidos. Outra dificuldade está em que os indivíduos não efectuarão com facilidade escolhas informadas e independentes no que diz respeito à eugenia. Eles necessitarão qua-

se sempre do conselho de especialistas altamente preparados e como resultado a sua “liberdade de escolha” será mais formal do que real. Porém, porque o conservadorismo moderno foi estruturado principalmente nos termos da liberdade individual e em oposição ao Estado gigantesco, os esforços para estabelecer padrões públicos, quer no que diz respeito à indecência ou à eugenia actual, são recusados de forma consciente. E assim sucede que embora cheguem lá por caminhos diferentes, os conservadores e os liberais acabam por apoiar a engenharia genética.

TECNOPOLIS

A incapacidade para resistir às novas tecnologias vai muito além das imperfeições das nossas filosofias públicas liberais e conservadoras. De forma mais ampla, a nossa arquitectura mental foi dotada com noções e metáforas tecnológicas. Não muito tempo atrás, os editores do *New York Times* alertaram: “temos de nos lembrar que a pauta de uma civilização não são as ferramentas que possui, mas o modo como as usa.” Bom, está certo. Mas não podemos perder de vista que a tecnologia é mais do que uma simples ferramenta; configura de forma inevitável o nosso mundo, independentemente de a usarmos ou não com sabedoria. O que quer dizer que a eugenia actual aparece-nos como convidativa porque a tecnologia já afectou profundamente a nossa auto-compreensão. Alguns exemplos ilustrarão este tópico.

No seu livro conciso *The Muse in the Machine: Computerizing the Poetry of Human Thought*, o cientista informático de Yale, David Gelernter, aborda a questão de saber se será bem sucedido no desenvolvimento de computadores que pensam. Para aceder à exequibilidade da inteligência artificial, Gelernter explica que temos de definir primeiro a inteligência humana. De acordo com o autor a inteligência decorre ao longo de um espectro: o pensamento fortemente concentrado implica de forma preeminente o domínio de abstracções — é, afirma Gelernter, “a realização suprema e definidora da mente moderna.” Mas o pensamento abstracto não é tudo sobre o pensamento humano, que também decorre a um nível de concentração débil do espectro. Aqui, Gelernter chama a atenção, o pensamento é prenhe em simbolismo, em fantasias compostas e ligações



contra-intuitivas. Esse pensamento é habitualmente associado ao sonho, mas, de acordo com Gelernter, “detém um componente cognitivo que pode ser abstraído do sono físico” e de facto ocorre no estado de vigília. Gelernter encontra exemplos de pensamento de concentração débil na poesia e na Bíblia. Na verdade, o pensamento fortemente concentrado moderno é mais profundo do que o pensamento de nível baixo do espectro. Mas Gelernter sustenta que também é mais estreito: “equipados com mentes modernas e hábitos de pensamento, os nossos pensadores e filósofos são absolutamente incapazes de ver o que os homens do passado viram.”

Atendendo à totalidade do espectro do pensamento humano, podemos ajuizar sobre as esperanças dos cientistas de poderem construir computadores pensantes. O computador que pensa como um ser humano será capaz de realizar cálculos de níveis elevados do espectro, mas também de visões ao nível baixo do espectro. A impossibilidade de construção de tais aparelhos deve ser óbvia. Gelernter defende que isto não é óbvio devido ao nosso sentido cada vez mais apertado e estreito da inteligência humana, que hoje em dia é definida exclusivamente pela suas qualidades de tipo computacional, do nível elevado do espectro. Não é de admirar que as máquinas pensantes pareçam ser possíveis. Nas palavras de Gelernter: “nós não estamos a submeter as máquinas à nossa vontade, estamos a lançar-nos para os seus braços.”

Com a pressa de nos lançarmos para a nova eugenia, deparamo-nos com confusões similares. Não somos capazes de lhe levantar objecções, porque o nosso enten-

dimento do homem já está saturado com categorias de pensamento tecnológicas. Um dos argumentos habitualmente avançados para permitir que os pais aumentem geneticamente o QI dos seus filhos é o de que os pais já gastam centenas de milhar de dólares em educação para atingirem o mesmo objectivo. Portanto, porque não permitir-lhes a obtenção do mesmo resultado, de forma mais barata e segura, através do melhoramento genético dos seus filhos em estado de embrião?

Assim como está formulada a questão responde-se a si mesma. É óbvio que os pais devem ter este “direito”. Mas incrustada nesta questão está uma noção bem moderna e estranha do propósito da educação: o aumento do QI. Tradicionalmente a educação nunca foi considerada nestes termos tão limitados e tec-

nocráticos. Na verdade, os pais esperavam que os seus filhos aprendessem o essencial – ler, escrever, calcular e a ciência. Mas considerou-se que a educação era algo mais: tornar-se bom cidadão e bom homem; tratava-se de inculcar a virtude, de moldar as almas humanas e não de obter resultados em provas. Se não tivéssemos perdido

de vista os fins próprios da educação, se não começássemos a considerá-la como uma forma de expandir os campos da memória e de melhoria da velocidade de processamento, nunca aceitaríamos a engenharia genética como uma ferramenta legítima de educação. Por isso, não nos iludamos: a ambição de construção de seres mais argutos e hábeis é tutelada por um sentimento pouco generoso do que é a educação dos jovens. Trata-se do desejo de controle da natureza de forma mais plena.

Considere-se outro argumento eleito e prol da nova

Se não tivéssemos perdido de vista os fins próprios da educação, considerá-la como uma forma de expandir os campos da memória, nunca aceitaríamos a engenharia genética como uma ferramenta legítima de educação.

Direita e esquerda? **Divisões ideológicas no século XXI**

Direita e Esquerda? Divisões Ideológicas no Século XXI resulta dos VIII Encontros Internacionais de Estudos Políticos, realizados no Hotel Palácio de Seteais em Novembro de 2000. A iniciativa teve como objectivo abordar um dos temas que mais tem atraído a atenção da comunidade académica internacional – as prováveis tendências da evolução do conflito intelectual e político nas democracias liberais após a queda do Muro de Berlim e nas circunstâncias da chamada globalização. O livro conta com os contributos de alguns dos melhores académicos que têm trabalhado nesta área, nomeadamente, Seymour Martin Lipset (O Conflito Ideológico no século XX), Raymond Plant (Existe Uma Terceira Via?), William Galston (Uma Filosofia Pública Americana para o Século XXI: Teoria e Prática da Comunidade Liberal), Chandran Kukathas (A Razoabilidade do Liberalismo Clássico), Myron Magnet (O que é o Conservadorismo Solidário?), John Kekes (Conservadorismo Pluralista), Carlos Henrique Cardim (Esquerda e Direita Ainda Significam Algo? Uma Perspectiva da América Latina), Hahm Chaibong (‘Da ‘Esquerda e Direita’ para ‘Tradição e Modernidade’? Repensando o Discurso Político no Leste Asiático) e Adam Wolfson (A Política da Tecnologia no Século XXI).

eugenia. Tem-se dito que devemos permitir aos casais escolher certos traços desejáveis para os seus filhos, tal como a altura ou olhos azuis, porque desde tempos imemoráveis os seres humanos praticam uma forma de imperfeita de eugenia sempre que acasalam. A mulher que escolhe um homem com um maxilar largo ou um homem que corteja uma figura voluptuosa, diz-se que procura uma descendência atraente e saudável. A vantagem da engenharia genética está na garantia do seu resultado. Mas tal como James Joyce inesquecivelmente o escreveu, em *A Portrait of the Artist as a Young Man*, este entendimento “diz-nos que admiramos as ancas de Vênus porque achamos que irá carregar a nossa descendência abundante e que admiramos os seus seios volumosos porque achamos que irão providenciar bom leite aos seus filhos e aos nossos”. É através deste reducionismo tosco que nos aproximamos do sonho do cientista em gerar uma raça superior.

“UMA MODERAÇÃO PRUDENTE”

Nenhum debate sobre a tecnologia na América poderá ser completo sem mencionar Martin Heidegger, embora este seja um tema sobre o qual não detenho competência suficiente. No livro magnífico de James W Caesar, *Reconstructing America*, o autor descreve a larga influência da filosofia heideggeriana na forma como pensamos o nosso país e a tecnologia. No resumo de Caesar sobre a filosofia de Heidegger, a idade hodierna representa o triunfo final da tecnologia e a América o seu símbolo supremo. Caesar demonstra que importância atribuída por Heidegger à tecnologia pode apreciada na forma como ele não analisa os diferentes regimes políticos pelas suas formas de governo ou pelos princípios de justiça; ao invés, questiona quais são aqueles que poderão despontar um confronto genuíno com a tecnologia. Nesta análise redutora, a Alemanha Nazi, a União Soviética e a democracia liberal americana são todos a mesma coisa, todos incarnam a catástrofe da tecnologia. Nenhum pode confrontar adequadamente a tecnologia, porque todos são produtos da tecnologia. A análise de Heidegger foi tão extrema que, de forma bem conhecida, afirmou que “na sua essência, a agricultura mecanizada moderna é a mesma coisa do que a produção de cadáveres nas câmaras de gás e nos campos de extermínio”.

A falsidade (e perversidade) desta afirmação deveria ser suficientemente óbvia, mas exemplifica as armadilhas que esperam qualquer tentativa de defesa do impacto da tecnologia na América. Haverá sempre a tentação de exagerar a influência da tecnologia, de conceber a nossa sociedade, tal como Heidegger, como uma espécie

de monstruosidade tecnológica. Mas existe ainda outra tentação: a de conceber a América como um grande parque de diversões tecnológico e a oposição a esta ou aquela nova invenção como um caso de ludditismo ou de anti-americanismo. Nesta visão distorcida, assim como em Heidegger, a forma de regime democrático americano e os ideais liberais, bem como a herança judaico-cristã são apenas o ruído de fundo da sua verdadeira essência: a Inovação Tecnológica.

É necessária uma compreensão mais profunda da relação entre tecnologia e os princípios da democracia liberal. Em certa medida, uma não é possível sem a outra. Poderíamos ter Locke sem Bacon? Os ideais de igualdade e liberdade do segundo sem a procura de domínio da natureza visando o conforto da condição humana do segundo?

A própria Constituição que assegura os direitos e liberdades e que sustenta a nossa democracia também possibilita ao Congresso “promover o Progresso da Ciência e das Artes convenientes.” E contudo, se os projectos político e científico são inseparáveis um do outro, eles não possuem necessariamente o mesmo estatuto e dignidade.

De entre os Founding Fathers, Benjamin Franklin era o que melhor encarnava o espírito do progresso científico.

*Todavia, mesmo em Franklin,
um explorador e um inventor,
podemos encontrar uma consci-
ência de que a ciência não deve
ser uma actividade que se
justifica por si própria.*

Em *The Autobiography*, ele descrevia orgulhosamente a sua invenção de um fogão e declarava de forma entusiasta ser esta uma “era de experiências.” Todavia, mesmo em Franklin, um explorador e um inventor, podemos encontrar uma consciência de que a ciência não deve ser uma acti-

vidade que se justifica por si própria. Uma vez Franklin aconselhou um estudante ambicioso: “há uma Moderação prudente a ser aplicada neste tipo de Estudos [ciência natural].” E Franklin continuou: “se para atingirmos aí uma Preeminência tivermos de descurar o Conhecimento e Prática dos Deveres essenciais, então merecemos a Repreensão. Pois no Conhecimento Natural não existe um Estatuto de Dignidade e Importância que seja equivalente ao de ser um bom Pai, um bom Filho, um bom Marido ou Esposa, um bom Vizinho ou Amigo, um bom Súdito ou Cidadão, em resumo, um bom Cristão.” Pelo menos aqui encontramos um início para discutir e avaliar as novas tecnologias que não está manchado por Ludditismo ou por niilismo.

Submete a ciência e a tecnologia ao juízo dos nossos princípios liberais e religiosos, bem como da experiência da nossa humanidade nas suas relações mais fundamentais de pai, esposa, amigo e cidadão. Pelo menos é um começo.

* EX-DIRECTOR DA REVISTA *PUBLIC INTEREST*, WASHINGTON DC